

Luis Fernando Verissimo

Escreve aos domingos e às quintas-feiras neste espaço

/// A história brasileira está cheia de exemplos do triunfo da oratória bacharelista sobre a realidade do momento, do dito sem a menor relação com o feito

Texto e contexto

Na peça “Ricardo II” de Shakespeare há uma fala famosa que é muito citada como um hino patriótico à Inglaterra. Quem a diz é o duque John de Gout, tio do rei Ricardo II e pai de Henry Bolingbroke, desafeto exilado do rei, que acabará derrubando do trono. John de Gout, à beira da morte, exalta as riquezas e as glórias do seu país (“este outro Éden”, “esta pedra preciosa posta no mar prateado” a salvo “da inveja de terras menos felizes”, “este lote abençoado, este chão, este reino, esta Inglaterra”) num tom de entusiasmo crescente que empolga até quem não é inglês – se lido até a metade.

O resto da fala, raramente citada, é um lamento pelo declínio desta maravilha, cuja grandeza o rei está dilapidando. “Esta Inglaterra acostumada a conquistar, hoje é vergonhosamente derrotada por si mesma”, diz Gout, que termina desejando que “o escândalo desapareça junto com a minha vida, alegrando minha morte iminente”.

Já contei (umas cem vezes) que vi o Millôr Fernandes levantar uma plateia num encontro literário em Passo Fundo com a leitura de um texto de candente defesa da democracia e dos direitos

humanos, e depois da ovação, revelar que acabara de ler o discurso de posse do general Médici na Presidência da República, quando se inaugurava o período mais escuro da ditadura. Um período em que com frequência o discurso do poder contrastava com a realidade à sua volta e o texto era desmentido pelo contexto.

A aula do Millôr foi sobre a força autônoma da retórica, capaz de mobilizar uma multidão que ignora seu contexto. Mas pior do que isto é quando o contexto é conhecido e mesmo assim as palavras compõem outra realidade, e empolgam e mobilizam do mesmo jeito.

A história brasileira está cheia de exemplos do triunfo da oratória bacharelista sobre a realidade do momento, do dito sem a menor relação com o feito. Para ser justo com o Médici e o autor do seu discurso, é preciso reconhecer que em todo discurso de posse presidencial há um desencontro parecido entre intenção e realidade. Quem não se lembra do discurso de posse do Collor?

Shakespeare tem outros exemplos de textos em que uma parte se vira contra a outra, como a exaltação que vira lamento de John de Gout. O mais notório é a fala de Marco Antônio sobre o corpo de César assassinado, que começa dando razão aos assassinos e termina incitando a massa a matá-los. Em outro trecho da peça alguém diz que se deve ter muito, mas muito cuidado com os bons oradores.

Carlos Alberto Di Franco

É doutor em Comunicação pela Universidade de Navarra

E-mail: difranco@iics.org.br

/// A reportagem de qualidade é sempre substantiva. O adjetivo é o adorno da desinformação, o farrapo que tenta cobrir a nudez da falta da apuração

Iluminar a cena

O jornalista Carl Bernstein – famoso no mundo inteiro depois da série de reportagens, escrita com Bob Woodward, que revelou o Escândalo Watergate e derrubou o presidente Richard Nixon – não forma com o time dos corporativistas da mídia. Sua crítica, aberta e direta, aos eventuais desvios das reportagens representa excelente contribuição ao jornalismo de qualidade. “O importante é saber escutar”, diz Bernstein. “As respostas são sempre mais importantes que as perguntas que você faz. A grande surpresa no jornalismo é descobrir que quase nunca uma história corresponde àquilo que imaginávamos.”

O bom jornalista ilumina a cena, o repórter manipulador constrói a história. A distorção, no entanto, escapa à perspicácia do leitor médio. Daí a gravidade do dolo. Na verdade, a batalha da isenção enfrenta a sabotagem da manipulação deliberada, da preguiça profissional e da incompetência arrogante. Todos os manuais de redação consagram a necessidade de ouvir os dois lados de um mesmo assunto. Mas alguns procedimentos, próprios de opções ideológicas inven-

cíveis, transformam um princípio irretocável num jogo de aparência.

A reportagem de qualidade é sempre substantiva. O adjetivo é o adorno da desinformação, o farrapo que tenta cobrir a nudez da falta da apuração. É importante que os responsáveis pelas redações tomem consciência desta verdade redonda: a imparcialidade (que não é neutralidade) é o melhor investimento.

A precipitação e a falta de rigor são outros vírus que ameaçam a qualidade. A incompetência foge dos bancos de dados. Na falta de pergunta inteligente, a ditadura das atas ocupa o lugar da informação. Quando editores não formam os seus repórteres, quando a qualidade é expulsa pela ditadura do deadline, quando as pautas não nascem da vida real, mas de pauteiros anestesiados pelo clima rarefeito das redações, é preciso ter a coragem de repensar todos os processos.

A autocritica interna deve ser acompanhada por um firme propósito de transparência e de retificação. Uma imprensa ética sabe reconhecer os seus erros. As palavras podem informar corretamente, denunciar situações injustas, cobrar soluções. Mas podem também esquarterar reputações, destruir patrimônios, desinformar. Confessar um erro de português ou uma troca de legenda é fácil. Mas admitir a prática de prejulgamento, de engajamento ideológico ou de leviandade noticiosa exige pulso e coragem moral.

Matheus Albergaria de Magalhães

É economista e conselheiro do Corecon-ES

E-mail: matheus.albergaria.magalhaes@gmail.com

/// A redução das desigualdades no Espírito Santo deve ser vista como um resultado socialmente desejável

A natureza turbulenta da economia capixaba

Se tivéssemos que definir a economia do Espírito Santo em três palavras, estas seriam as seguintes: abertura, volatilidade e concentração. A primeira palavra faz referência ao elevado grau de abertura ao comércio exterior do Estado, correspondente a 50% (um dos maiores do país). A segunda relaciona-se às pronunciadas flutuações do nível de atividade local, especialmente quando comparado aos demais Estados brasileiros (quase duas vezes

superiores àquelas ocorridas no Brasil). Por fim, a terceira diz respeito aos fortes padrões de concentração ainda persistentes.

Cálculos relacionados ao grau de abertura estadual apontam para o seguinte resultado: a cada R\$ 100 produzidos no Espírito Santo, cerca de metade é destinada ao comércio exterior. Embora possa haver imprecisões relacionadas aos dados e à metodologia de cálculo deste indicador, temos um claro sinal: em média, o comércio

exterior importa mais para nossa economia que para a maioria dos Estados brasileiros.

Por outro lado, também precisamos reconhecer a natureza turbulenta da economia capixaba. Neste sentido, observamos uma regularidade marcante: quando o Brasil cresce, o Espírito Santo tende a crescer mais; quando o Brasil cai, o Espírito Santo tende a cair mais. Basicamente, este resultado equivale a dizer que, mesmo quando o “tombo” é grande, nossa economia possui alta capacidade de “levantar e sacudir a poeira”. Ainda assim, costumamos vivenciar fortes emoções em momentos de crise internacional.

A concentração de recursos também tende a ser uma constante no Estado, embora tenham ocorrido melhorias em indicadores socioeconômicos nos últimos anos. En-

tretanto, observamos a persistência de disparidades, principalmente no caso dos municípios. Embora a ocorrência de padrões heterogêneos de desenvolvimento seja um resultado natural ao processo de desenvolvimento, sabemos que a redução das desigualdades deve ser vista como um resultado socialmente desejável.

Em um contexto de incerteza e volatilidade no cenário econômico internacional, um nível de conhecimento realista da estrutura econômica local, com ênfase em suas virtudes e fragilidades, pode vir a representar a diferença fundamental entre controlarmos nosso destino ou sermos levados pelos eventos financeiros da atualidade. Por conta disso, são cada vez mais necessárias análises de qualidade de aspectos socioeconômicos do Estado.